



Rodas de Conversa e Educação em Saúde com Adolescentes: Relatos de Experiências de Estudantes de Enfermagem

Conversation Circle and Health Education with Adolescents: Experience of Report of Nursing Students

Resumo

Trata-se de um relato de experiência das atividades desempenhadas durante a execução de um projeto de extensão, realizado em três escolas públicas situadas na periferia de Cruzeiro do Sul, Acre, Brasil. O objetivo do projeto foi realizar educação em saúde com adolescentes do nono ano do ensino fundamental regular, por meio da metodologia roda de conversa. Mediante as propostas de temas apresentadas pelos extensionistas, os adolescentes escolheram discutir: sexualidade, drogas, família e futuro profissional. Foram realizados 12 encontros, quatro em cada uma das escolas participantes, no período de maio a dezembro de 2013, com duração de oito meses. A ação envolveu os adolescentes e suas escolas, além de profissionais de saúde e nós acadêmicos de enfermagem, que ao desenvolvermos o papel de facilitadores, promovemos discussões, compartilhamos experiências e apreendemos conhecimento. Ao fim da ação entendemos que a extensão aliada à roda de conversa, torna possível a troca de saberes, entre a academia e a comunidade, possibilitando o trabalho interdisciplinar e favorecendo uma visão integrada do social. Palavras-Chave: Adolescentes; Educação em Saúde; Estudantes de Enfermagem; Enfermagem.

Ingred dos Santos Silva¹
Alan da Costa Abreu¹
Cristiano Gil Regis¹
Bruno Pereira da Silva^{1*}

¹Centro Multidisciplinar (CMULTI), Campus Floresta da Universidade Federal do Acre (UFAC)-
*Avenida Joaquim Távora- Nº 337, Apto 06, Centro, Cruzeiro do Sul-AC, CEP 69.980-000. Caixa Postal 140

Abstract

This is an experience report of the activities performed during the execution of an extension project, carried out in three public schools on the periphery of Cruzeiro do Sul, Acre, Brazil. The objective of the project was to conduct health education for adolescents ninth year of regular elementary school, through the methodology of conversation circle. Through the proposed topics submitted by extensionists, adolescents chose to discuss sexuality, drugs, family and professional future. Were conducted 12 meetings, four in each of the participating schools in the period May to December 2013, lasting eight months. The action involved young people and their schools, and health professionals and we nursing students, which to develop the role of facilitators, promoted discussions, share experiences and grasp knowledge. At the end of the action believe that the combined length of the conversation circle, makes possible the exchange of knowledge between academia and the community, enabling interdisciplinary work and promoting an integrated social vision. Keywords: Adolescents; Health Education; Nursing Students; Nursing.

INTRODUÇÃO

A educação em saúde é um processo sistemático, contínuo e permanente que objetiva a formação e o desenvolvimento da consciência crítica do cidadão, estimulando a busca de soluções coletivas para os problemas vivenciados, sem deixar de lado as práticas de acolhimento e de construção da autonomia do usuário, enquanto indivíduo ativo na sociedade (BRASIL, 2007).

Nesse prisma ela torna-se uma ferramenta de trabalho importante, que pode ser adotada e incorporada por profissionais da área da saúde, em especial no campo da enfermagem, isso porque em suma, a enfermagem deve utilizar como instrumentos de cuidado para o indivíduo o diálogo e a escuta (JAHN et al., 2012).

Entretanto, durante os anos que passamos na universidade, somos ensinados, tanto nós acadêmicos de enfermagem quanto os estudantes de outras graduações da área da saúde, que a doença é o nosso objeto de trabalho e não o sujeito. Tal formação é devido a um processo histórico na estrutura curricular dos cursos de graduação da área da saúde que se perpetuam, ainda hoje, em algumas instituições.

Na prática, em contraponto, trabalhamos com o ser humano e todas as suas singularidades. É a partir dele e com ele que realizamos o que aprendemos e apreendemos em sala de aula - vivência teórica; e nos serviços de saúde e educação - vivências práticas.

Pensando nisto, práticas educativas realizadas através da extensão tornam-se um meio ímpar de troca de conhecimentos, os quais podem promover novas formas de pensar, de saber e de fazer enfermagem e a educação em saúde na enfermagem (ACIOLI, 2008).

A extensão universitária, nesse contexto, se estabelece como uma ponte ligando a universidade à sociedade. Uma via de mão dupla, na qual encontramos na comunidade a oportunidade de colocar em prática aquilo que aprendemos na academia, enquanto a comunidade encontra na universidade um parceiro na promoção das práticas de saúde e vivências cotidianas.

Com base nisto, corroboramos com Landerdahl et al. (2011) e Velasque, Pradebon e Cabral (2011) quando afirmam que as atividades desempenhadas durante a graduação são importantes geradoras de experiências; especialmente quando a extensão está aliada à educação em saúde por meio da metodologia rodas de conversa.

Dada à importância da extensão, e entendendo a roda de conversa como uma metodologia grandiosa, tomamos a decisão de relatar o desenvolvimento e a execução do projeto "Rodas de Conversa: educação em saúde com adolescentes", pois acreditamos que além de praticar a ação se faz necessário validá-la.

METODOLOGIA

Esse trabalho se constitui em um relato de experiência, de abordagem qualitativa que "se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e opiniões, produtos das interações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem artefatos e a si mesmos, sentem e

pensam” (MINAYO, 2010, p. 57).

É o relato de experiência do projeto de extensão "Rodas de Conversa: educação em saúde com adolescentes", realizado em três escolas de ensino fundamental - duas municipais e uma estadual-, situadas no município de Cruzeiro do Sul – Acre. As escolas foram selecionadas de acordo com os seguintes critérios: estar sediada em bairros periféricos da zona urbana e dispor de turma de 9º ano. A princípio foi feita uma visita às instituições para a apresentação do projeto, momento no qual se verificou a viabilidade de execução da proposta em cada local.

O projeto foi desenvolvido no período de maio a dezembro de 2013, com duração de oito meses. Em cada escola foram realizadas quatro rodas de conversa com temáticas diferentes, totalizando 12 encontros formativos em dias alternados, tanto no turno matutino quanto no vespertino, preferencialmente no horário da disciplina de Ciências, pois alguns temas se entrelaçavam com os assuntos abordados na matéria em questão.

A metodologia utilizada para condução dos encontros foi a roda de conversa que segundo Coelho (2007), Nascimento e Silva (2009), consiste em uma metodologia de discussão coletiva a respeito de determinadas temáticas, por meio da criação de espaços de diálogo, onde os sujeitos podem expor sua opinião, escutar os outros e a si mesmos.

A roda permite se conhecer e reconhecer; fazer parte dela, abre espaço para que os membros se sintam amparados e acolhidos, uma vez que ali estão pessoas com as quais eles podem se identificar de alguma maneira, quer seja por vivenciarem a mesma realidade, ou mesmo porque têm as mesmas dúvidas e curiosidades (COELHO, 2007).

As atividades foram trabalhadas em forma de dinâmica, enfocando a interação da turma. Pensando neste quesito utilizamos como materiais de apoio: projetor, notebook, recortes, imagens de revista, de jornais, da internet, cartolina, papel madeira e pincel atômico. Esses meios nos deram subsídio para adentrar no universo dos adolescentes de uma maneira mais sutil.

RESULTADOS

A nossa proposta era de estabelecer um diálogo com os adolescentes. Pensando nisto antes de iniciar os encontros, rodas de conversa, apresentamos possíveis temáticas e pactuamos quais os assuntos que discutiríamos ao longo do projeto. Dos temas apresentados por nós, os adolescentes escolheram conversar sobre: sexualidade, drogas, família e profissão. São as reflexões dessas conversas que apresentamos na sequência.

Primeira temática: Sexualidade

A primeira temática trabalhada nas escolas foi Sexualidade. Para a condução desse encontro preparamos um material visual que introduzisse o tema sem causar sobressaltos.

Dividimos a sala em grupos separando meninos de meninas, pois entende-

mos que a conversa se tornaria fluida para eles. Durante este momento um participante do gênero masculino expôs sua orientação sexual afirmando ser homossexual e enfatizou o desejo de participar da roda com as meninas.

Para Silva, Lima e Correia (2013) a questão homossexual carrega consigo implicações diversas que vão desde reações culturais de rejeição ou defesa, até confusão de identidade na pessoa que protagoniza esse momento.

Em situações como essa, apesar de os genitais externos indicarem ao indivíduo e à sociedade que se é um homem ou uma mulher, estes não são fundamentais para produzir o sentimento de pertencimento a um gênero (SILVA; LIMA; CORREIA, 2013).

O adolescente em questão auto declarava-se como parte do gênero feminino; aquela era uma posição que não causava assombros nem para ele, enquanto autor da ação, que carregava os estigmas que a sociedade corriqueiramente impõe, nem para os demais atores de seu convívio, diferindo aquela realidade da literatura. Não havia olhares preconceituosos; as meninas e os meninos ali presentes reconheciam o direito que ele tinha de se definir como lhe conviesse.

Prosseguindo a roda, reduzimos o número de participantes por grupo pensando na dinâmica das trocas, corroborando assim, com Afonso e Abade (2008), que afirmam que para a roda fluir necessita de um número de no máximo dez participantes.

Organizamos os facilitadores em duplas e cada uma coordenou um grupo de adolescentes; desse modo, formou-se 4 grupos com uma média de 10 adolescentes. Olhares atentos e curiosos constituíam a cena das rodas, e as adolescentes e os adolescentes foram se “aproximando” da possibilidade de troca proporcionada pela roda. No início algumas falas tímidas, na sequência outras falas mais expansivas, com cada adolescente questionando e colaborando a seu tempo e a sua maneira.

Introduzimos nossas experiências e percebemos que, a partir do momento que colocávamos nossa vivência pessoal acerca da temática, eles, os adolescentes, compreendiam que as histórias eram reais, se repetiam e que eram momentos singulares de cada indivíduo, portanto nada de extraordinário como muitos imaginavam ser.

Ao contarmos situações vividas como, por exemplo, a menarca ou a poluição noturna, os adolescentes perdiam a “vergonha” e traziam as suas vivências para a roda. Realizamos então um momento de perguntas e respostas, cada adolescente recebia um papel e nele poderia escrever uma dúvida acerca do tema trabalhado.

As perguntas foram as mais diversas possíveis, tais como: Qual a idade certa para iniciar a relação sexual? Sexo oral engravida? Fazer relação sexual durante a menstruação faz mal? Realizar masturbação faz o pênis crescer? Baseando-nos na teoria, questionávamos indiretamente o autor da interrogação sobre suas ideias a respeito da pergunta e devolvíamos as questões para o grupo como um todo. Tendo como referência as respostas sugeridas pelos adolescentes, nos posicionávamos enquanto facilitadores do processo.

Os momentos de troca, sejam através de perguntas e repostas ou através de falas voluntárias, engrandeceram a roda, faziam com que cada participante se envolvesse com a atividade, estando e sentindo-se livre para expor suas ideias, conceitos e dúvidas. Fazíamos mais que simplesmente passar informações, nós

trocávamos informações e conhecimentos, cada um a partir do seu lugar. Nós da academia e eles da comunidade.

Finalizamos a atividade com uma dinâmica de avaliação que tinha como critérios: regular, bom e ótimo. Cada participante, aquele que quisesse responder, tinha as três opções que melhor expressassem o seu posicionamento em relação à atividade. Esta foi uma das maneiras que encontramos, enquanto equipe, para repensar e melhorar os encontros futuros, adequando e aliando a metodologia do trabalho com a realidade e perspectiva dos estudantes.

Segunda temática: Álcool e drogas

A segunda temática trabalhada nas escolas foi Álcool e Drogas. O assunto, apesar de ter sido escolhido pela maioria dos participantes, em votação realizada no início do projeto, causou aversão por parte deles, fato este que em nosso ponto de vista se deu devido à polêmica que envolve o assunto.

Abordamos questões relacionadas aos tipos de drogas e trocamos experiências de falas e contatos com amigos usuários. Discutimos os conceitos de uso, abuso e dependência, bem como os efeitos das substâncias no organismo humano. Reintroduzo aqui alguns dos conceitos utilizados:

Uso, como apreciação de alguma substância, seja ela lícita ou ilícita, considerada como uso social, usado esporadicamente; abuso como consumo de substância que leva a consequências biológicas e causa prejuízo no psicológico social e interfere no espaço do outro; dependência como o uso sem medidas, compreendida como consumo sem controle que leva a complicações biológicas, físicas e sociais (SILVEIRA; SILVEIRA, 2014, p. 92-93).

Durante os momentos em que trabalhamos essa temática uma situação nos chamou atenção. Ao iniciarmos a dinamização a respeito das drogas, um adolescente indagou se as falas deles seriam divulgadas e justificou seu posicionamento, revelando ter um irmão vendedor de drogas e por isso precisava de segurança para se expressar. Afirmamos que não, devido ao “sigilo” profissional que segundo Ferreira (1999) é sinônimo de segredo e refere-se a “sigilo profissional” como sendo o “dever ético que impede a revelação de assuntos confidenciais ligados à profissão”, e demos continuação à roda.

Por serem de escolas situadas em bairros periféricos da cidade e por haver relatos dos próprios moradores sobre a prática de venda e consumo de drogas no local, presumimos que o contato dos adolescentes com esse tema seria mais sensível, todavia, não imaginávamos o quão intenso era essa convivência, inclusive, no próprio contexto familiar.

Práticas parentais como consumo de álcool e fumo influenciam os comportamentos dos filhos, assim a família pode exercer influências de proteção ou risco para os adolescentes (MALTA et al., 2011). De acordo com Silva (2014), fator de risco é uma circunstância social e/ou pessoal que tornam a pessoa, neste caso adolescentes, vulnerável a assumir comportamentos arriscados, como por exemplo usar drogas.

A família tem uma grande importância para a formação de um código de

valores próprios dos adolescentes, pois no seu núcleo são transmitidas as primeiras regras de valores que vão guiá-los no seu convívio social. Pais que fazem uso de drogas colocam em risco o sentimento de segurança e proteção da criança e comprometem seus códigos de moral, pois os membros adultos constituem modelos para os adolescentes (ZEITOUNE et al. 2012)

A participação ativa dos responsáveis legais ajuda a minimizar as possíveis condutas promíscuas dos adolescentes, se configurando como um fator de proteção.

Percebemos que relatos como o desse adolescente somente se externalizaram devido à abertura que a prática da roda de conversa permite aos seus participantes. Questões como as relatadas nessa ação não seriam ditas em meio a palestras, pois nestes ambientes o quantitativo de pessoas intimida os participantes. Ao fim da roda ficou clara a existência de inquietações e em alguns casos sofrimento entre aqueles adolescentes e as drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas.

Terceira temática: Família

A terceira temática trabalhada foi Família e para a condução e dinamização da roda utilizamos recortes de revista, de jornal e imagens da internet nas colagens para representação dos modelos de família. Para Noronha e Parron (2004), a família deixou de ser considerada como núcleo econômico, patrimonial e de reprodução para constituir-se sob a vertente afetiva. Nesta perspectiva cada família é única, diferenciando em tamanho, elementos que as compõem e valores.

A princípio a ideia de conversar sobre esse tema deixou alguns adolescentes desatentos e outros envergonhados. No desenrolar da atividade fomos percebendo a diversidade e a singularidade dos modelos de família que iam se apresentando na conversa: 1) família nuclear: constituída por dois adultos de sexo diferente e os respectivos filhos biológicos ou adotados. 2) Família monoparental: compostas pela mãe ou pelo pai e os filhos. 3) Família recomposta: constituída por laços conjugais após o divórcio ou separações (DIAS, 2011).

Tais observações se deram a partir dos desenhos, das falas, ou seja, mensagens verbal e não verbal, construídas por cada um dos participantes o que também nos possibilitou dimensionar na prática o quanto o ser humano é dotado de singularidades, que podem tornar os seus laços fortes ou frágeis.

Um exemplo de tal singularidade é a mudança que vem ocorrendo sobre o entendimento do que é a instituição família. Em meados do século XIX, por exemplo, o único modelo de família aceito era o nuclear constituído por pai, mãe e filhos; sendo que, tudo o que fugisse desse modelo era considerado imoral e ilegal. Na atualidade, outros modelos de família tais como: família fragmentada (o genitor mora com avó ou avô da criança, integrando numa mesma casa três gerações); família reconstituída (em que têm-se por base uma nova união), família extensa (moram todos juntos, ligados por vínculos consanguíneos), entre outras, são compreendidos e aceitos (pelo menos em teoria), mas não sem esforço (LINO, 2009).

Percebemos que a depender do cuidador, o comportamento do participante era distinto, por exemplo, aqueles que viviam com os avós tinham maior

liberdade, o que lhes propiciava contato mais íntimo com o meio extrafamiliar; alguns estudantes já frequentavam bares e festas, locais não indicados para adolescentes. Essa visão de realidade gritante nos fez repensar em como a sociedade e seus valores estão se reagrupando.

Quarta temática: Profissão

A quarta temática trabalhada nas escolas foi Profissão. Esse tema surgiu a partir da observação dos componentes do projeto, que perceberam através do convívio junto aos adolescentes que estes precisavam de uma roda que lhes dessem a possibilidade de pensar no futuro não só pessoal, mas também profissional. De acordo com Neiva (2003), perspectivas, aspirações, expectativas ou projetos de vida são diferentes conceitos utilizados pela literatura para fazer menção à crença de realizar ou ver algo realizado em seu futuro.

Para esta roda buscamos referências que trouxessem a temática à tona sem tornar a conversa um momento maçante. Para tanto, expusemos um vídeo em sala de aula, que tinha como título *La Luna* (2011) de produção da Pixar Animation Studios, que retratava uma narrativa através de animação e trazia consigo uma mensagem reflexiva sobre escolhas na vida e de vida.

O vídeo expunha a história de um garoto que convivia com dois adultos que possuíam diferentes linhas de raciocínio acerca da vida; ambos queriam que o garoto seguisse tão somente a sua filosofia. O garoto, por outro lado, apesar de estar em um meio que o influenciava, resolveu mudar e construir seu próprio caminho.

A partir da projeção, questionamos os adolescentes sobre o que aquele vídeo queria trazer enquanto mensagem. A discussão foi tímida, com poucos participantes. Ao tentar estimular as falas alguns reagiram com colocações sarcásticas e outros com ponderações mais direcionadas.

Para Coval (2006) as mudanças inerentes à adolescência, como transformações físicas e implicações psicológicas, podem não ocorrer de forma serena, gerando situações de rebeldia e instabilidade emocional que influenciam na forma como a escola é percebida, podendo assim, apresentar influências negativas ou positivas na construção das expectativas futuras dos estudantes. Nessa roda, ficou perceptível que os hormônios consequentes da adolescência falavam mais alto e que, por vezes, atrapalhavam a condução dos encontros.

A partir da linguagem verbal e não verbal estabelecida durante a roda, percebemos que o futuro para eles se concretizava no amanhã. Alguns viviam com baixa expectativa ou acreditavam que o futuro se resumia em conquistar a maioridade e com isso tornar-se “livre”. A falta de diálogo na família era perceptível e a nosso ver a classe social pesava nesse sentido.

Para Oliveira e Saldanha (2010), a influência de variáveis econômicas, propõem que a diferença de classes denota, para o público adolescente, percepções distintas quanto às oportunidades que venham a ter; frequentar uma escola privada revela maiores expectativas de concluir o ensino médio e entrar para a universidade, enquanto não frequentar uma escola privada associou-se a não esperar um

emprego que garanta boa qualidade de vida, nem esperar possuir casa própria.

Percebemos que o meio familiar, as condições financeiras e ambientais influenciavam o modo como os adolescentes entendiam o futuro; a falta de motivação por parte da família contribuía para as baixas perspectivas encontradas, corroborando assim a teoria com as vivências práticas encontradas.

CONCLUSÕES

Durante todo o processo de elaboração e a execução do projeto de extensão, objeto deste relato, houve um cuidado com o desenvolvimento das atividades, para que as rodas promovessem o interesse dos adolescentes, de modo que cada um deles pudessem ter voz e vez.

Promovemos discussões e compartilhamos conhecimentos e experiências durante toda a condução do projeto. A partir das rodas com os adolescentes aprendemos e apreendemos conhecimentos que se somaram e se multiplicaram a cada etapa concluída.

Ao fim da ação entendemos que a extensão aliada à roda de conversa torna possível a troca de saberes entre a academia e a comunidade, possibilitando o trabalho interdisciplinar e favorecendo uma visão integrada do contexto social.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, S. A.** prática educativa como expressão do cuidado em Saúde Pública; Revista Brasileira de Enfermagem, jan-fev; v. 61, n. 1, p. 117-121; 2008.
- AFONSO, M.L.M.;** ABADE, F.L. Para reinventar as rodas. Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (RECIMAM), Belo Horizonte, 2008. Publicação eletrônica disponível em < http://www.ibjr.justicarestaurativa.nom.br/pdfs/Livro_eletronico.pdf >. Acesso em: 07 jan 2015.
- BRASIL.** Fundação Nacional de Saúde. Diretrizes de educação em saúde visando à promoção da saúde: documento base - documento I/Fundação Nacional de Saúde - Brasília: Funasa, 2007.
- COELHO, D. M.** Intervenção em grupo: construindo rodas de conversa. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO, 14, 2007, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos. Rio de Janeiro: ABRAPSO, 2007.
- COVAL, M. A. S.** A representação social da adolescência e do adolescente e expectativas de prática pedagógica de futuros professores. Dissertação de Mestrado não-publicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 2006.
- DIAS, M. O.** Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica - o processo de comunicação no sistema familiar. Gestão e Desenvolvimento, v. 19, n. 5, p. 139-156, Mangualde – PRT, 2011.
- FERREIRA, A. B. H.** Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p.514.
- JAHN, A. C.** et al. Educação popular em saúde: metodologia potencializadora das ações do enfermeiro. Revista de Enfermagem UFSM; Set/Dez; v.2, n.3, p.547-552, 2012.
- LANDERDAHL, M. C.** et al. Contribuições de um Núcleo de Estudos na Consolidação de Políticas Públicas para as Mulheres. Revista de Enfermagem UFSM, Jan/Abr, v.1 n.1, p.71-79, 2011.
- LINO, M. V.** A contemporaneidade e seu impacto nas relações familiares. Revista IGT na Rede, v.6, n.10, p.2-13, 2009.
- LA LUNA.** Produção: Pixar Animation Studios. Curta-metragem; 2011. 07min. Disponível em: <[https://www.youtu-](https://www.youtube.com/watch?v=...)

be.com/watch?v=Mpj5SaGJyqA>. Acesso em novembro de 2014.

MALTA, D. C. et al. Família e proteção ao uso de tabaco, álcool e drogas em adolescentes, Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares. *Revista Brasileira de Epidemiologia*. v. 14, n. 1, p. 166 – 177. 2011.

MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

NASCIMENTO, M.A.G.; SILVA, C.N.M. Rodas de conversa e oficinas temáticas: experiências metodológicas de ensino-aprendizagem em geografia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA, v.10, Porto Alegre, 2009.

NEIVA, S. L. Expectativas futuras de adolescentes em situação de rua: Um estudo autofotográfico. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. 2003.

NORONHA, M. M. S.; PARRON, S. F. A evolução do conceito de família. *Revista Brasileira de Direito de Família*. v. 1, n. 23, p. 33-54. Porto Alegre, 2004.

OLIVEIRA, I. C. V.; SALDANHA, A. A. W. Estudo comparativo sobre as perspectivas de futuro dos estudantes de escolas públicas e privadas. *Revista Paideia*. v. 20, n. 45, p. 47-55. Jan-abr. 2010.

SILVA, M. L. A.; LIMA, G. S.; CORREIA, M. G. S. O homossexualismo: A descoberta do ser. *Cadernos de Graduação – Ciência Biológicas e da Saúde, Aracaju*, v. 1, n. 16, p. 27-36, mar. 2013.

SILVA, B. P. O significado do uso e do não uso do álcool para os estudantes de enfermagem do Campus Floresta da Universidade Federal do Acre. Tese de Mestrado, Universidade Federal de São Paulo. Escola Paulista de Enfermagem. São Paulo, 2014.

SILVEIRA, D. X.; SILVEIRA, E. D. Padrões de uso de drogas. In: BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias. DF: Ed. SENAD-MJ / NUTE-UFSC, 2014. p. 89-103.

VELASQUE, E. A. G.; PRADEBON, V. M.; CABRAL, F. B. O Enfermeiro no Processo Parir/Nascer: Estratégia de Cuidado e Humanização do Parto. *Revista de Enfermagem UFSM*. Jan/Abr, v.1, n.1, p.80-87, 2011.

ZEITOUNE, R. C. G. et al. O conhecimento de adolescentes sobre drogas e lícitas e ilícitas: uma contribuição para enfermagem comunitária. *Escola Anna Nery de Enfermagem*. v. 16, n. 1, p. 57-63, jan-mar. 2012.

